

Cultura brasileira

Índio ganha exposição em Rio Preto

São José do Rio Preto, 23 de Abril de 2003

Sérgio Menezes

Igor Galante

O conhecimento científico das etnias indígenas da América do Sul, em particular as brasileiras, despertaram interesse em um matemático que, há cerca de oito anos, passou a pesquisá-las com objetivo de elucidar pontos então pouco explorados dos índios. Nas visitas às tribos, reunia objetos de seu uso doméstico. E são tais peças que dão forma a uma exposição iniciada ontem de manhã, no Ibilce/Unesp de Rio Preto. A mostra, com mais de 50 peças, integra-se à “Semana Indígena”, organizada pela universidade. Além da exposição, a programação tem apresentações especiais dos corais da Memphys e da Unesp, a partir das 20 horas, amanhã, em homenagem aos povos indígenas. A exposição se encerra nesta sexta-feira e fica aberta ao público depois das 15 horas. Haverá exibições de filmes às 10, 16 e 20 horas.



Redes e cestarias estão entre as peças expostas na Unesp de Rio Preto

A coleção de peças indígenas pertence a Pedro Paulo Scandiuzzi, professor de Prática de Ensino em Matemática, pelo Ibilce. O que está exposto dá uma legítima noção do que é utilizado no dia-a-dia pelas diversas tribos Brasil adentro. Vão desde redes, cestarias, arcos, flechas, pás e peneiras à peças de cerâmicas, utensílios de matemática realizada na pedra pelos Quechua, do Peru, e sons musicais das etnias Kuikuro, Krahô, Guarani, Kamayura. Desde que passou a desenvolver pesquisa científica, Scandiuzzi dedicou suas teses de mestrado e doutorado sobre o assunto e publicou dois livros, ambos em Portugal: “A Dinâmica da Contagem - Lahatua Otomo - e suas Implicações Educacionais” sobre a etnia Kuikuro no Parque Nacional do Xingu, e “Educação Indígena x Educação Escolar Indígena - Uma Relação Etnocida e Pesquisa Etnomatemática”. “Tenho a intenção de mostrar e conscientizar as pessoas sobre o conhecimento científico desenvolvido por várias tribos e que pouco foi estudado no Brasil. Até hoje índios são malvistas pela sociedade, e muito se deve ao fato de não termos acesso ao seu conhecimento. Na região do Xingu, por exemplo, existem tribos com escrita corporal e artesanal de mais de 6 mil anos a.C. e pouco é estudada”, diz.

Há 27 anos Scandiuzzi mantém contato com tribos guaranis em Ubatuba, litoral de São Paulo, mas há oito passou a estudar o índio cientificamente. “O interesse sempre foi conhecer melhor novas culturas a fim de aprender a conviver com as diferenças. Os índios me abriram este caminho”, conta. Hoje, também visita escolas, tentando despertar nas crianças, por meio de palestras e exposição das peças, a importância que os índios têm até hoje para a consciência cultural brasileira. “Na nossa região todas as tribos foram exterminadas. Sobraram os nomes de ruas e cidades”, lamenta Scadiuzzi. Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), vivem hoje, no Brasil, cerca de 345 mil índios, distribuídos por 215 sociedades indígenas, o que contabiliza 0,2% da população brasileira. Além destes, são estimados 100 a 190 mil vivendo fora das terras indígenas. São 180 línguas ainda vivas.

Serviço:

Exposição Indígena, no Ibilce/Unesp, até sexta-feira. Aberta à visita a partir das 15 horas. Mais informações pelo fone (17) 221-2456.

[Confira aqui a programação de shows e eventos](#)



Imprimir